

Ritournelle de la faim: considerações sobre o último romance de J.M.G. Le Clézio

Eduardo Horta Nassif Veras¹

A imagem que dá título ao último romance de J.M.G. Le Clézio, publicado em 2008, não poderia ser mais expressiva. A palavra italiana *ritornello* tem uma extensa tradição na história da música. Primeiramente, nos madrigais dos séculos XIV e XV, a palavra apareceu com o mesmo sentido de estribilho. Depois, no início do século XVII, o termo passou a designar “uma peça instrumental que se repetia no decurso de uma peça teatral musicada.” (HORTA, 1985, p. 320) Outros sentidos foram agregados à palavra ao longo da história, e quase sempre eles remetem à mesma ideia de repetição, de retorno, já presente na origem medieval do termo. Ainda hoje, emprega-se a palavra para nomear um sinal que indica, na partitura, a repetição de um trecho musical. Essa ideia de retorno é fundamental em *Ritournelle de la faim*, onde Le Clézio narra a história de uma jovem francesa de origem mauriciana, que se vê obrigada a sempre adiar sua própria felicidade para acompanhar o destino de sua complicada família, que conheceu a completa decadência econômica e, mais tarde, experimentou outras tantas privações durante o período de ocupação da França na Segunda Guerra Mundial.

A fome, presente no título, assume diversos sentidos no romance, transcendendo, quase sempre, sua significação denotativa. Não que a fome, em seu sentido primeiro, não apareça na obra. Ele é o tema central de alguns dos episódios mais tocantes da terceira parte da narrativa, quando assistimos à fuga da família Brun, que parte de Paris, então ocupada pelas tropas inimigas, para a cidade de Nice, ao sul do país, quase na fronteira com a Itália. Contudo, conforme avisa o narrador já nas primeiras páginas, o romance tratará prioritariamente de outra fome, a fome espiritual da jovem Ethel, seus desejos irrealizados, sua melancólica procura pela satisfação dos anseios juvenis.

Confirmando a ideia sugerida pelo título, com efeito, o sentimento de frustração, de insaciabilidade, marcará toda a narrativa. Lembrando algumas das mais intensas personagens existencialistas – especialmente de Albert Camus –, Ethel se distingue por uma lucidez implacável, pela plena consciência que tem, desde a infância, do universo que a rodeia. Reconhece, nas conversas dos adultos que frequentam sua casa, a inconsistência, a temeridade e a leviandade de certas opiniões políticas, que, mais tarde, com a Guerra, mostrar-se-ão, de fato, plenamente equivocadas. Pressente, desde cedo, o abismo e o ressentimento existente entre seus pais. Talvez por isso, pela lucidez que a distingue dos outros, a jovem tenha se distinguido também pelo senso de responsabilidade, assumindo a missão de guiar sua família, no início da Guerra, quando seu pai, Alexandre, já se encontrava completamente falido, depois de fracassar numa ambiciosa empreitada comercial. Na

¹ Graduado em Letras, mestre e doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

ocasião, Ethel, que experimentara, graças ao empreendimento comercial do pai, a frustração pela não realização de um sonho compartilhado com o falecido tio-avô Soliman, se vê, mais uma vez, compelida a adiar seus anseios em nome da família. Ethel abandona a possibilidade de se mudar para o Canadá na companhia de Laurent, rapaz com quem vivera os melhores momentos de sua vida, e se refugia com a família em Nice.

Por sua implacável lucidez, pela abnegação, pelo altruísmo, pela força, Ethel se aproxima de heróis como Alioscha, de *Os irmãos Karamazov*, e Rieux, de *A peste*. Por outro lado, sua vivacidade, sua implacável busca pela felicidade, sua capacidade de autoafirmação, a despeito das barreiras mais intransponíveis, remete a algumas das noções presentes em *O homem revoltado* e *O mito de Sísifo*.

Durante toda a Guerra, Ethel cuida de seu pai, cuja saúde se mostrava cada vez mais debilitada desde o início da derrocada econômica. Garante também a sobrevivência de sua mãe, assumindo a responsabilidade pelo abastecimento da casa. Assume ainda o comando na nova fuga que precisam fazer para as montanhas, quando os cidadãos de origem britânica passam a ser perseguidos nas redondezas de Nice.

A frustração, por mais que o tempo passasse, que as pessoas partissem e retornassem, era uma constante na vida de Ethel. O casamento com Laurent, que, finalmente, retorna após a Guerra, era uma promessa de felicidade. Mas o rapaz já não era mais o mesmo. O mundo não era mais o mesmo, após a barbárie. Xénia, sua melhor amiga nos tempos de colegial, casa-se com um integrante da fina flor da burguesia parisiense, e seu retorno, após a Guerra, representa outra desilusão para Ethel. Perdido o tempo da adolescência, Ethel reconhece o esvaziamento progressivo do mundo e começa a perceber que sua felicidade já não encontra espaço em meio às ruínas. Uma sombra melancólica paira, então, sobre os melhores trechos do romance. Le Clézio faz coincidirem a alegria pela libertação da França e um estranho sentimento de estupefação diante do horror, um silêncio que persiste absurdamente. E a memória do horror se materializa no próprio espaço. Depois da Guerra, Nice não pode mais oferecer a plena felicidade experimentada no idílio de Pouldu, onde, anos antes, Ethel e Laurent viveram seus melhores momentos juntos. No paraíso de Nice, incrustaram-se as marcas do horror: "Ensuit, Il y a eu la route à bicyclette, depuis les berges du fleuve, le long de la mer, mais ça ne ressemblait pas aux petits chemins de Pouldu. Le trottoir de la Promenade était obstrué de chicanes et d'arceaux barbelés, de guérite abandonnés." (LE CLÉZIO, 2008, p. 181)

A despeito das frustrações, Ethel empreende, então, uma intensa busca do tempo perdido. Mas uma nota dissonante e renitente parece se opor sempre à harmonia almejada. Apesar da promessa de felicidade trazida pelo fim da Guerra, pela libertação da França e pelo retorno de Laurent, o mundo permanece imerso num assombro que interdita o acesso pleno a qualquer idílio. Um trauma que passa a ressoar como um ruído terrível em todas as mentes. Ethel, entretanto, confirmando mais uma vez a condição de heroína atribuída a ela pelo próprio narrador, encara seu destino, para buscar, a despeito de tudo, os fragmentos da felicidade da qual tem tanta fome. Seguem-se, então, as perambulações do casal Ethel e Laurent pela Paris libertada.

De hotel em hotel, recém-casados, os dois tentam se amar, à revelia do próprio passado.

RITOURNELLE E O BOLERO

A imagem central para a compreensão do romance se encontra, ao que tudo indica, nas diversas referências ao *Bolero*, de Ravel. Apresentado pela primeira vez em 1928, o *Bolero* chamou a atenção de todos pela estrutura baseada na repetição de uma mesma melodia. Ao longo de aproximadamente quatorze minutos de música, a melodia não varia. Variam apenas a orquestração e a dinâmica de execução. Acompanhados por um incessante toque de caixa, que remete, claro, à música marcial, os instrumentos da orquestra vão se reunindo a cada repetição da melodia, num *crescendo* que parte de um pianíssimo quase inaudível para um clímax retumbante, que precede o repentino e perturbador silêncio final. Refletindo sobre a importância dessa música para a geração dos personagens, o narrador-autor escreve:

Ma mère, quand elle m'a raconté la première du *Boléro*, a dit son émotion, les cris, les bravos et les sifflets, le tumulte. Dans la même salle, quelque part, se trouvait un jeune homme qu'elle n'a jamais rencontré, Claude Lévi-Strauss. Comme lui, longtemps après, ma mère m'a confié que cette musique avait changé sa vie. Maintenant, je comprends pourquoi. Je sais ce que signifiait pour sa génération cette phrase répété, serinée, imposée par le rythme et le crescendo. Le *Boléro* n'est pas une pièce musicale comme les autres. Il est une prophétie. Il raconte l'histoire d'une colère, d'une faim. Quand il s'achève dans la violence, le silence qui s'ensuit est terrible pour les survivants étourdis. (LE CLÉZIO, 2008, p. 206)

Nesse trecho, Le Clézio toma explicitamente a música de Ravel como uma imagem para o período da Segunda Guerra Mundial. A repetição das frases musicais e o ritmo imposto pelo *crescendo* são tomados como uma profecia dos tempos de violência. São como a materialização musical de um tempo que se repete num movimento incessante rumo à destruição. Através da repetição cada vez mais acelerada e intensa da melodia, Ravel parece sugerir a tensa expansão de uma força no interior de uma prisão intransponível. Algo como uma ânsia que cresce num espaço limitado e opressor. O trecho final sugere uma explosão repentina, que pode representar tanto a violência desvairada e absurda da Guerra, tomando, agora, o romance como chave de leitura para música, quanto a exaustão das possibilidades de felicidade.

Com a história de Ethel, *Ritournelle de la faim* parece querer sugerir o mesmo. Um vazio que *retorna* sempre num *crescendo* em paralelo às possibilidades de realização dos desejos juvenis. Laurent, por exemplo, *retorna* para se casar com Ethel depois da Guerra, mas não pode mais realizar as promessas de felicidade do passado. Assim como a melodia do *Bolero*, o amante está de volta, mas já não é mais o mesmo. No final, a explosão da Guerra e o fim das possibilidades. Toda plenitude se torna, então, impossível. E o silêncio – terrível para os sobreviventes atordoados – é o que resta, no fim de tudo. É quando, heroicamente, Ethel buscará seus fragmentos de felicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HORTA, Luiz Paulo. Dicionário de Música Zahar. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LE CLÉZIO, Jean-Marie Gustave. *Ritournelle de la faim*. Paris: Gallimard, 2008.

Recebido em: 30/10/2009

Aceito em: 26/11/2009